



Onde moram os escritores

Preservação

As casas dos acervos dos autores nem sempre lhes conferem descanso eterno

Caroline da Silva

Agora é certo: Erico e Quintana vão de braços dados para a Gávea. A família Verissimo já assinou o contrato de comodato com o Instituto Moreira Salles (IMS - ims.uol.com.br) e, em breve, Elena Quintana, sobrinha-neta do maior poeta gaúcho, formalizará a decisão já tomada. “O acervo vai para o IMS. Algumas cláusulas que ainda estavam sendo discutidas foram resolvidas.” O material permanecerá sob a guarda daquela instituição por 10 anos, conforme o mesmo sistema acordado pelos Verissimo.

A herdeira de Quintana esclarece que não está vendendo o acervo – ele é a imortalidade do escritor. “Jamais faria isso, mas o IMS é o melhor lugar onde poderia ficar. O tio Mario tem aquele poema [O mapa] em que fala ‘Cidade do meu andar/ (Deste já tão longo andar!)’”. O que está acontecendo é que o andar dele era para parar e não está parando, ele vai andar mais um pouco...”

Fernanda Verissimo tem a mesma opinião, mencionando que a instituição carioca dispõe do melhor projeto de conservação de acervos no Brasil. A neta do prosista explica que a definição deveu-se tanto às condições oferecidas quanto ao fato de o Instituto ter mostrado interesse na obra do seu avô. “Estava tudo encaixotado aqui em casa. O importante é preservar e fazer com que seja usado. Nossa maior preocupação é essa.”

Reação - Lutando com a porta emperrada de um antigo armário no Instituto de Letras da UFRGS, a fim de mostrar o acervo de Guilhermino Cesar, Márcia Ivana de Lima e Silva questiona se pode culpar uma família por querer tirar a memória de um escritor dessas condições: “Diante disso, não há argumento. Vou dizer o quê?”

Para a professora, o fato de o autor ser do Rio Grande do Sul é pouco relevante. “Há um contrassenso. Brigamos contra o fato de escritor gaúcho ser sempre ‘literatura regional’, que o que vale para a literatura nacional é aquilo que está no eixo Rio-São Paulo, etc. Aí, quando vem um Instituto como esse, de projeção nacional, e leva os acervos tanto do Quintana quanto do Erico, sacralizando o valor desses escritores, achamos ruim. Só que não fizemos nada para mantê-los aqui.”

Maria da Glória Bordini, profes-



A professora Márcia Ivana de Lima e Silva coordena projeto de pesquisa dos acervos de Guilhermino Cesar e Caio Fernando Abreu

sora colaboradora no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade, acha nosso bairrismo inócuo e acredita que não perderemos a identificação com nossos autores se seus acervos não ficarem geograficamente localizados no RS. “Estar aqui ou estar em qualquer outro lugar do globo, desde que eles existam, faz com que permaneça preservada a sua identidade e haja até a sua ampliação para uma modalidade mais global num centro maior e com mais recursos. Não vejo por que um autor tenha de ser considerado apenas regional; na verdade, qualquer autor, antes de tudo, é autor da literatura. E a literatura não tem mais fronteira. O processo de informatização mais a globalização econômica rompeu com as fronteiras, e não vejo por que um autor tenha de ficar no local em que ele nasceu. Quanto maior a difusão da sua obra, mais ele poderá ser lido.”

Elena Quintana considera preocupante o fato de haver acervos no estado em condições precárias. “As pessoas têm que entender o que é um acervo. Ele é para pesquisadores. No IMS haverá um tratamento de digitalização que permitirá que se tenha acesso a ele.” Maria da Glória também acredita que talvez haja uma incompreensão sobre o papel de um acervo literário – que não é o mesmo que o de um museu. A professora defende que a memória de um escri-

tor, além dos seus papéis e dos seus vestígios de vida e de atuação, está nos seus livros. É muito mais importante para os sul-rio-grandenses ler o autor, mantê-lo sempre vivo entre as novas gerações. “Enquanto houver leitores, existe Erico Verissimo para o Rio Grande do Sul.”

A memória de um escritor, além dos papéis e dos seus vestígios de vida, está nos seus livros

Acervo - Maria da Glória, que começou a organizar os documentos de Erico em 1983, explica do que é constituído esse espólio: esboços das obras, desenhos, cartas, notícias de jornal, fotografias, filmes, fitas VHS e de áudio, CDs, troféus, medalhas, estatuetas, homenagens (até trabalhos escolares que mandavam para o escritor), discursos proferidos, prestação de contas, contratos editoriais, comprovantes de todas as edições da obra, documentos, *souvenirs* que o autor guardou de viagens...

Márcia Ivana, que foi orientanda da professora Maria da Glória, ajudou a organizar o acervo de Erico e diz que foi contagiada por essa paixão.

As pesquisadoras chamam a atenção para o fato de que o escaneamento permite diminuir a necessidade de se mexer nos originais de cada item. Também quanto à conservação, Elena Quintana afirma que existem climatização e umidificação necessárias, demandando uma infraestrutura muito sofisticada para a preservação dos papéis.

IMS - Os escritores gaúchos vão se encontrar com Ana Cristina Cesar, Lygia Fagundes Telles, Otto Lara Resende, Rachel de Queiroz e Clarice Lispector. Nos últimos anos, o Instituto Moreira Salles criou uma respeitável reserva técnica nas áreas de Fotografia, Música e Artes Plásticas; recentemente tem investido na Biblioteca. A família tem a intenção de que seu nome fique atrelado à memória cultural do país e, na opinião de Elena Quintana, isso não é fada, é o que demonstram realmente.

A previsão de digitalização do acervo de Erico Verissimo é de um ano. Para o de Quintana, o provável é que demore um pouco mais.

A professora de Literatura admite que, quando há dinheiro e boa vontade, as coisas ficam mais fáceis. “O Instituto Moreira Salles quer criar

uma tradição de preservação da memória, e acho que está conseguindo. Tem que se dar crédito a eles. Não havendo política estatal para isso, a iniciativa privada assume.”

Universidades - A UFRGS é o endereço físico do gaúcho Caio Fernando Abreu e do mineiro Guilhermino Cesar, que teve grande atuação intelectual no Rio Grande do Sul.

A coordenadora dos acervos é Márcia Ivana, cujo projeto de pesquisa se chama “Arquivos Literários e Memória Cultural”, com uma bolsista da Fapergs e outra da Propesq/UFRGS, e mais duas estudantes de Letras voluntárias.

Embora a conservação dos papéis na Universidade seja razoável, pelas salas serem arejadas e sem umidade, a professora esclarece que “o ideal seria que houvesse no meio de cada folhinha um papel neutro e que tudo estivesse em pastas melhores, mas isso custa caro”.

Mesmo assim, Márcia cita uma instituição de ensino como bom exemplo de casa para acervos. O Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo, abriga a obra de Guimarães Rosa, Mário de Andrade, Graciliano Ramos e Osman Lins. “Como a USP é estadual e em São Paulo respeita-se a Constituição do estado: 2% do PIB vai para a Fapesp, que financia as pesquisas.”

Quintana - O cupim é o culpado

“A diferença do acervo do tio é que ele vive aqui.” Impossível negar isso pela voz do próprio Quintana dizendo versos que ecoavam pelas paredes do apartamento de três cômodos. Dois deles estão inteiramente tomados. No primeiro quarto, de onde vinha o som do LP recuperado dos poemas “ditos”, estão as prateleiras com caixas organizadas em classes, dois computadores e um *scanner*. O segundo quarto guarda a biblioteca do escritor e um armário com objetos pessoais. Há pedras de giz espalhadas pelos cantos para espantar a umidade. Na cozinha, além da pia, duas cadeiras de praia,

uma mesinha com um micro-ondas para café ou chá e lanches rápidos. O resto do imóvel está vazio. E ali, hoje, reside o poeta. Pelo menos era o que garantia a correspondência de um banco recém-chegado para Mario Quintana. O próximo endereço terá de ser modificado: da Rua Mariante para a Rua Marquês de São Vicente, do Bairro Rio Branco para o da Gávea, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Das 15 classes que formam o acervo, somando cerca de 10 mil itens, somente interessa ao Instituto Moreira Salles o material útil para pesquisa. Viajarão, portanto, 11 classes, abrangendo

principalmente documentos e livros. Vida, memorabilia (roupas, objetos pessoais), obra e história editorial permanecerão sob os olhos zelosos da sobrinha-neta Elena.

Michele Zgiet de Carvalho, professora de Literatura e mestranda em Literatura Brasileira na UFRGS, e Rossana Vecchio, Relações Públicas que faz especialização em Patrimônio Cultural e Identidades, trabalham duas vezes por semana na catalogação e digitalização do acervo. O material, embalado em papel bolha e/ou papel de seda, está separado em caixas de arquivos, identificadas com a sigla ALMAQ:

Acervo Literário Mario Quintana.

“Estávamos tranquilas, até o belo dia em que vimos um buraquinho de cupim na porta da frente. Foi o que me apressou.” A sobrinha sempre se pergunta o que o escritor faria. Sua herdeira única por vontade dele próprio, que não queria que sua obra se dividisse, a diretora de teatro mede com esmero cada decisão e é extremamente cautelosa com o acervo do poeta, “que até hoje foi sustentado com os direitos autorais dele. Ele ficaria muito orgulhoso disso.” O imóvel também foi deixado a ela, além da missão de nomear somente uma sucessora.